

LEONOR TELES: DA HISTÓRIA PARA O ROMANCE

Aldinida *MEDEIROS*¹

Resumo:

Leonor Teles ficou para a História como uma rainha pérfida, má e aleivosa. O presente artigo traz mostra que, embora a historiografia faça uma diminuição ou apagamento de mulheres na História, o romance histórico contemporâneo retoma figuras femininas e redimensiona-as a partir de releituras e novas focalizações sobre o passado histórico. O objetivo é mostrar que embora a Leonor Teles das crônicas lopinas tenha sido estigmatizada, no romance contemporâneo ela adquire outros perfis.

Palavras-chave: Leonor Teles; Crônicas lopinas; Romance histórico contemporâneo.

Abstract:

Leonor Teles went down in history as a queen treacherous, evil and rebel. This article brings shows that although the historiography make a reduction or deletion of women in history , the contemporary historical novel takes female figures and resize them from re-readings and new focalizations about the historical past. The goal is to show that while Leonor Teles chronic lopinas has been stigmatized in her contemporary novel you acquire other profiles.

Keywords: Leonor Teles; Lopinaschronics; Historical contemporary novel.

Introdução

Musa ou medusa? Aleivosa ou Flor de Altura? Leonor Teles de Meneses é uma figura polémica na História de Portugal. Entretanto, se a História a condenou, podemos afirmar que a literatura consagrou-a. É preciso destacar que do início do século XX para cá já são cinco romances sobre esta rainha, que subiu ao trono entre 1371 e 1383, como esposa de D. Fernando, rei de Portugal.

Além dos escritos historiográficos sobre ela, há diversos estudos e outros tipos de texto, e um drama em 5 atos, da autoria de Marcelino de Mesquita e Jorge Farias. Nosso interesse volta-se para o romance, mais precisamente o romance histórico contemporâneo, por considerarmos que este está a contribuir para preencher uma lacuna, visto sabermos que a imagem da mulher ficou apagada desde sempre, relegada a uma constante submissão ao poder dominador masculino, embora saibamos que em todos os tempos houve uma história de luta por um lugar ou por reconhecimento por parte das mulheres.

¹ Professora da Universidade Estadual da Paraíba. Doutora em Literatura Comparada pela UFRN, com doutorado sanduíche em Portugal, sob a orientação do Prof. Dr. António Cândido Franco (Universidade de Évora). E-mail: aldinidamedeiros@gmail.com

A esta questão do apagamento histórico e social da figura feminina soma-se também o nosso interesse despertado pela protagonista feminina a partir do estudo de vários romances contemporâneos, que em releituras trazem novos perfis para uma gama de figuras históricas que se tornam personagens, dentre elas: Isabel de Aragão, Inês de Castro, a Marquesa de Alorna, e mulheres que não vieram do estrado social da nobreza: D. Simoa Godinha, em *A dama Negra da ilha dos escravos*, Branca Dias em *Memória de Branca Dias*, Brites de Almeida em *Crônica de Brites*, dentre outros. Neste ínterim, nossa atenção recai sobre a figura de Leonor Teles, visto que esta figura é parte de um grande estudo em desenvolvimento no qual buscamos elaborar, mais adiante, uma cartografia da protagonista feminina no romance histórico contemporâneo.

A historiadora Isabel de Pina Baleiras (2013) afirma que não se sabe ao certo o ano e o local de nascimento de Leonor Teles. É possível – apenas possível – que tenha sido na região de Trás-os-Montes, em 1350. Terá falecido, segundo esta historiadora, em Tordesilhas ou Valhadolid, entre 1391 e 1410.

É à *Crônica de D. Fernando* (1975), escrita por Fernão Lopes dentro do grande intento das *Crônicas dos reis de Portugal*, que recorrem primeiramente os historiadores que escrevem sobre esta rainha, esposa de D. Fernando. Situação esta que encontramos em diversos estudos e artigos sobre a “Flor de Altura”, confirmada por Pina Baleiras em seu ensaio histórico *Uma rainha inesperada: Leonor Teles* (2013).

O período em que viveu e reinou Leonor Teles como consorte foi atribulado para o reino português. Podemos afirmar que em questões sociais – vida e condição da nobreza e da população comum – pouco difere do que foram outros reinados na Idade Média portuguesa. No que concerne às questões sobre a mulher, em sociedade, quase nada se modificara. Entretanto, em muito esta rainha difere das que a antecederam-na. Leonor é uma transgressora dos valores sociais e morais de sua época, porque ousou conquistar um lugar central no reinado de seu marido, ousou não temer a posição de adúltera e mais ainda, desafiou muito nobres da corte fernandina. Afirma Armando Alberto Martins que

D. Leonor Teles é na vida de D. Fernando, ao longo de doze anos, o pólo em volta do qual gravita a existência do rei, enquanto homem privado, mas também como figura política e que, progressivamente, vai ocupando lugar cada vez mais central e decisiva na Corte, à medida que o monarca se vai apagando e tornando quase imperceptível. (MARTINS, 2010, p. 394)

Entretanto, em relação às questões políticas e econômicas, está assente não apenas na *História de Portugal* (1993), dirigida e organizada por José Mattoso, como também no volume I da *História de Portugal*, de A. H. de Oliveira Marques (1997), bem como em outros historiadores, o grande desastre para o reino que foi o período régio de D. Fernando. Em muitos desmandos, difere enormemente do governo do pai, D. Pedro I, o deste filho: “Os problemas sociais que Afonso IV e Pedro I conseguiram refrear, elevaram-se agora a um estado geral de descontentamento, em especial entre os mercadores e as classes baixas.” (MARQUES, 1997, p. 208). Guerras com Castela, alianças mal sucedidas, dois pedido de casamentos não consolidados (um com uma infanta aragonesa e outro com uma infanta castelhana), fome e pobreza absurdas no país, e uma política interna inconsistente que, conforme Oliveira Marques, era “[...] o resultado de uma tentativa, pela aristocracia terratenente, de conservar força e privilégios tradicionais [...]” (1997, p. 208). A todo este

cenário, junta-se a questão do casamento que vem a se tornar o estopim de um contexto político já dantes em ebulição.

Do contexto histórico e das crônicas: algumas considerações

É nas *Crônicas* de Fernão Lopes que vão beber todas as outras fontes sobre o casamento de Fernando e Leonor, daí que recorramos primeiramente a este cronista que intitula do Capítulo LVII *Como elRei Dom Fernando se enamorou de Dona Lionor Tellez, e casou com ellaescomdidamente*, no qual explica, logo de início que a relação entre Fernando e sua meia irmã, Beatriz, filha de Pedro e Inês, tinha ares de incestuosa:

Hora, assiaveo em esta sazón, que reinando elRei Dom Fernando, como dissemos mamçebo e ledó e homem de prol, tragia sua irmã Dona Beatriz, filha que fora de Dona Enes, e de elRey Dom Pedro seu padre, gram casa de donas, e de domzellas, filhas dalgo e de linhagem; por que hinom avia Rainha nem outra Iffante por estomçe, a cuja merçee se ouvessem dacostar: e por afeiçãomuja continuada, veonaçer em ele tal desejo de a aver por molher, que determinou em sua voomtade de casar com ella, cousa que ataaquel tempo semelhante nom fora vista. Que compre de dizer mais sobresto, proposto daverdespensaçom pera casarem ambos, eram os jogos e fallasantrellestam a meude, mesturados com beijos e abraços, e outros desemfadamentos de semelhante preço que fazia a alguns teer desonesta sospeita de sua virgijmdade ser per ele mingoadá. (LOPES, s/d, p. 154).

Por esta razão, trataram os conselheiros de arranjar o casamento entre o rei e a infanta de Aragão. Mas a informação trazida neste início de capítulo tem também a finalidade de fazer entender o leitor que Dona Maria Teles, irmã de Leonor Teles, ambas fidalga da casa Teles de Meneses, fazia parte do séquito de Beatriz. E que Leonor Teles estava a passar alguns dias com a irmã, no Paço onde vivia a infanta, quando um dia ao visitar a irmã Fernando conheceu Leonor:

louçaã e aposta e de boom corpo, pero que a danteouvesse bem conhecida, por emtommujaficadamente esguardou suas fremosas feições e graça; [...] e aver desta se começou de enamorar maravilhosamente; e ferido assi do amor della, em que seu coração de todo era posto, de dia em dia se acresçemtava mais chagua, nomdescobrimdo porem a nenhuma pessoa esta bem quemçatamgramde, que em seu coração novamente morava (LOPES, s/d, 154).

A explicação segue com as manobras feitas por D. Fernando, junto a Maria, irmã de Leonor Teles, para que esta mantivesse Leonor na corte e não a deixasse atender ao chamado do marido, João Lourenço da Cunha, para regressar a Pombeiro. No capítulo LX, *Como os poboos de Lixboa fallaram a elRei em feito de seu casamento, e da resposta que lhe elRei deu*, o cronista traz a importante questão da voz do povo, pois menciona não apenas o descontentamento dos nobres, mas também o do **poboo** em relação ao enlace entre Fernando e Leonor:

Da bem quemença e amores que elRey Dom Fernando tomou em Lixboa com Dona LionorTellez, como ja dissemos, foi loguo fama per todo o reino, afirmamdo que era sua molher, com quem ja dormira, e que a tijna recebida a furto; e desprouguemujto a todollos da terra da maneira que elRei em esto teve, e nom somente aos grandes fidalgos que amavom seu serviço e homra, mas aimda ao comum poboo que disto teve gram sentimento. E nom prestou razões que lhe sobresto falassem os de seu cons, dizemdo que nom era bem casar com tal molher como aquella, seemdomolher do seu vassalo, e leixartaaes casamento

Consideramos importante a retomada à *Crónica* de Fernão Lopes, pois, grande parte do que se diz acerca de Leonor Teles é pelo modo como este texto foi escrito. Lembramos que, estando a serviço do rei D. Duarte, uma das intenções da escrita das *Crónicas dos reis de Portugal* era legitimar para a História a Dinastia de Avis, visto que D. João I subira ao trono como filho bastardo de D. Pedro I, por conseguinte à crise sucessória desencadeada no período da regência de Leonor Teles.

Mas o que observamos, nestas e me outras sequências das duas crônicas em que Leonor Teles aparece é um sistema político e social já em deterioração por atos inconsequentes do próprio rei.

Não é nosso interesse discutir verdades ou inverdades na escrita das crônicas. Afinal, há mais de cinco séculos escritas, o seu autor tem espaço canônico, adquirido pela questão temporal, pelo tipo de pesquisa documental que se fazia à época e porque foi um dos primeiros a fazer o registro historiográfico dos reis portugueses. Mas interessa-nos lembrar que os discursos posteriores a ele vão legitimá-lo como uma verdade. Mais que isto vão, de certo modo, sacralizá-lo. Daí talvez a causa de não se encontrar nos livros de História de Portugal – pelo menos não nos muitos que consultamos – uma única linha sequer que aponta alguma virtude da rainha Leonor Teles de Menezes². Cabe então as indagações: não teria nenhuma virtude esta mulher? Por ter ousado se apaixonar por outro homem e se descasar – fato nada comum às mulheres da época – e por ter se imposto à corte do rei seu marido esta mulher era assim tão pérfida que sequer a sua inteligência e argúcia ficam despercebidas diante de um perfil tão malévolos? Decerto que não foi Leonor Teles a criar os jogos de poder que sabemos presente em todas as cortes dos reinos europeus no período da Idade Média e posteriormente. Daí para ter sido entalhada pela historiografia como a megera que quis entregar Portugal aos Castelhanos foi a sina maior da rainha que conquistou o coração do rei, mas não o do “poboo”.

Isso posto, lembramos que o modelo de virtudes a ser seguido na época era engessado e muito bem talhado pela ideologia católica. A sociedade rezava nesta cartilha. Em “Uma sociedade que do século XI ao XIII não tinha cessado de se alterar e de se complicar, tinha igualmente alterado e complicado a vida das mulheres.” (CASAGRANDE, 1993, p. 100). Sobremaneira porque, se havia a necessidade de a Igreja ditar as normas para toda a sociedade, era para a mulher que os padres, frades e monges, em seus textos pedagógicos contendo todo o doutrinário do bem viver aos olhos da fé católica se dirigiam, porque, além dos homens, aos padres e religiosos eram também dado o direito de ditar regras e normas para as mulheres.

² A audácia e altivez de Leonor no período em que tais traços não eram comum a grande maioria das mulheres tem sido objeto de nosso estudo, através do romance histórico contemporâneo, já há algum tempo, visto os três artigos publicados em Anais de eventos científicos: *Memórias de mulheres na escrita literária de Seomara da Veiga*. In: I Congresso Feminista. Lisboa 2008; *A aleivosa Leonor Teles: quebrando paradigmas na Idade Média*. In: VI Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades, Campina Grande, 2010; e *Uma flor de altura? Perfil ignorado de Leonor Teles em um romance de António Cândido Franco*. In: II Seminário de Estudos Medievais da Paraíba, João Pessoa, 2013.

Diante disso, não é de admirar que uma transgressora, como Leonor Teles, tenha sido retratada como aleivosa e má.

Da personagem e da ficção histórica: algumas notas

Definida pelo *Dicionário de narratologia* de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes como “categoria fundamental da narrativa” (2002, p. 314), a personagem é o *leitmotiv* de nosso ensaio, mais especificamente a personagem protagonista. Estudada desde os postulados de Aristóteles, que definiu teoricamente o herói das epopeias, esta categoria da narrativa vem sendo observada por diversos teóricos em variados aspectos: por Hamon, pelo viés semiológico, por Valdimir Propp pelo seu caráter funcional, por Greimas pelo seu caráter semântico-estrutural (REIS, 2002). Além desses, há outros teóricos não mencionados aqui por não ser este o espaço para uma revisão sobre as teorias da personagem de ficção.

É, entretanto, através da tipologia estabelecida por E. M. Foster que a personagem recebe uma classificação que baliza suas funções, performance e relações numa narrativa. Mas, evidentemente, com o passar do tempo, os estatutos e definições anteriormente definidos na Literatura vão-se modificando e, conforme mudam-se os olhares, acrescentam-se novas afirmações teóricas. Assim, com mudanças significativas na forma do romance, o *nouveau roman* em muito atenuou a importância da personagem, chegando mesmo a decretar-se uma crise daquele, o que também alterava o estatuto desta linha de pensamento defendida por Sarraute e Robbe-Grillet, como aponta REIS (2002).

Visto que trataremos especificamente da personagem romanesca, o que buscamos neste item é apenas tecer algumas considerações, a título de introdução, sobre o que afirmam e confirmam alguns estudiosos do tema, pois, obviamente, o estudo da personagem é pauta de todo esse ensaio. É certo que variadas, em grande quantidade, são as diversas visões acerca dessa categoria da narrativa. As narrativas históricas, por exemplo, trazem como personagem figuras históricas - ou lendárias, surgidas a partir de um fato histórico, como a Padeira de Aljubarrota, enquanto as narrativas de ficção apresentam personagens criadas pelos autores, dentro do conhecido contrato mimético, postulado por Aristóteles. Outrossim, convém-nos lembrar que cada corrente literária vai, como se diz em linguagem bastante coloquial, “puxar a brasa para sua sardinha”, o que significa que a semiologia, a psicanálise, a sociologia, dentre outras mais áreas de estudos, serão norteadoras da visão de cada teórico-crítico em seus respectivos estudos sobre a personagem:

Na obra de síntese *A personagem* (1998), Pierre Glaudes e Yves Reuter apresentam a panoplia de estudos semióticos-narratológicos, psicológicos e sociológicos existentes sobre a personagem romanesca: os primeiros albergam a narratologia, a axiologia e a tipologia; os segundos, a psicologia analítica, a antropologia do imaginário, a patografia freudiana, a psicobiografia, a psicocrítica, o texto-análise, a psicanálise dos quase-objects e a psicocognição (que se divide em diferentes modelos cognitivos de leitura e de escrita); e finalmente, os estudos sociológicos da literatura, sócio-crítica, estética da recepção, sociologia do campo literário e pesquisa empírica (VIEIRA, 1998, p. 21).

Isso posto, entramos em uma etapa seguinte que é considerarmos o importante papel do romance histórico contemporâneo – ou metaficção historiográfica como define Linda Hutcheon (1991) – ao trazer para a ficção, como personagens, figuras históricas.

Convém lembrar, acerca do que apresentamos acima sobre a personagem que todos estes aspectos de uma ou outra maneira também influenciaram a escrita sobre a ficção histórica e a própria escrita desta ficção, visto que em alguns casos se questiona o fazer historiográfico, ou noutros casos em que vários focalizadores perspectivam a mesma personagem histórica sob diferentes olhares, fazendo o leitor ter um olhar mais recuado sobre esse referente. Ou ainda, observam-se romances que mediatizam a protagonista através de um narrador homodiegético testemunhal, criando também uma visão parcial do referente. Ou, por fim, a própria personagem passa a contar a sua história, o que traz a questão da subjetividade, como em *Leonor Teles ou O canto da salamandra* (1999), de Seomara da Veiga Ferreira. Mais radicais que esses exemplos, há também as versões alternativas à História, que alteram propositadamente a versão historiográfica, São versões contrafactuais que não têm a intenção de serem vistas como verdade, mas apenas uma outra alternativa, uma espécie de como seria se a versão fosse outra.

Sobre a distinção narrativa ficcional e não ficcional, pronuncia-se Cristina Vieira:

Deveremos, então, abandonar a distinção narrativa ficcional / narrativa não ficcional? Na nossa opinião, não. A historiografia e a ficção podem partilhar contextos ideológicos e técnicas formais, mas permanecem campos distintos. Diferenciam-se no campo da responsabilidade do autor quanto à verdade dos enunciados, responsabilidade essa existente face à historiografia. Quando na ficção (logo, no romance histórico), tal acontece, trata-se de um fingimento (VIEIRA, 2002, p. 31).

Ora, não se busca sob nenhuma hipótese admitir que a ficção seja exatamente tal como a historiografia. Mas acreditamos que, se a ficção não pode ser tomada como um discurso do campo da realidade, também não pode a historiografia ser tomada como uma verdade. Assim, para ressuscitar figuras históricas, ambas são uma via de mão dupla. Seja por uma vertente – o apagamento das linhas fronteiriças entre historiografia e ficção histórica –, seja por outra: a aproximação entre ambas as áreas, mas com ressalvas de diferenças, o fato é que o romance histórico tem na atualidade, conforme Marinho (1999, p. 147), “uma fortuna só comparável à dos tempos áureos do Romantismo”. E na atual demanda é possível, conforme esta ensaísta,

assinalar as diferenças existentes entre a forma tradicional de romance histórico e as obras de autores contemporâneos que se servem do mesmo material, mas que o transformam à medida das necessidades do novo inconsciente coletivo da nação e, até, da humanidade (MARINHO, 1999, p. 147).

Por todos esses aspectos, interessa-nos o estudo do romance, e neste caso, mais especificamente o romance histórico contemporâneo. Sobremaneira, por observarmos que a mulher vem crescentemente ganhando espaço nestas narrativas. A partir disso, voltamos nosso olhar para um aspecto específico: diferentes perfis femininos, que nos chega por meio da ficcionalização do passado e nos permite um leque de diferentes imagens e representações de

mulheres na literatura portuguesa, desde Leonor Teles à Padeira de Aljubarrota, para ficarmos aqui em apenas dois exemplos.

De “aleivosa” a “flor de altura”: o romance ressuscita Leonor Teles

Passando do que a História registra para a literatura, temos cinco romances históricos sobre Leonor Teles. Um deles, denominado romance histórico tradicional, *Leonor Teles, flor de altura*, de Antero de Figueiredo, publicado em 1916; e quatro denominados romance histórico contemporâneo: *Leonor Teles ou o canto da salamandra*, de Seomara da Veiga Ferreira, *Vida Ignorada de Leonor Teles*, de António Cândido Franco, *Rosa Brava*, de José Manuel Saraiva e *Eu, Leonor Teles, dama maldita*, de Maria Pilar Queralt del Hierro, escrito em espanhol e traduzido para o português.

Em *Leonor Teles ou o canto da salamandra* (1999), a personagem que nos apresenta Seomara da Veiga Ferreira rememora seu passado, lembrando que ficou para a História como aleivosa, mas que apenas foi uma peça importante no grande tabuleiro político da corte portuguesa do reinado de seu marido, D. Fernando:

[...] eu era apenas uma jovem fidalga que ascendera a inigualável posição de Rainha quando tantas outras o teriam desejado [...] criei a minha corte de afectos, de apoiantes e amigos. Distribui favores, terras, vilas, alcaidarias [...] Estendi meus dons de caridade a muita gente”. (FERREIRA, 1999, p.71)

Ao retextualizar o passado, o romance em estudo recorre à memória como fio condutor do que é dito pela narradora. Ao rememorar e narrar o que viveu, Leonor Teles ressignifica os acontecimentos e apresenta-os agora numa versão que traz a sua voz e o relato de sua vivência. Não é o outro que fala sobre ela, mas é ela que conta a outrem sobre si. E isto tem uma importância vital para o ponto de vista da narrativa.

Uma das formas de a narradora legitimar as suas memórias é desacreditando as enunciações de outrem, ou seja, aquilo que ao longo da História foi tomado como o discurso oficial. Por pensar assim é que Leonor não está a escrever suas memórias, mas a trazê-las numa confissão a Frei Juan. Este, um interlocutor que sobre nada se pronuncia, apenas a ouve: “Perdoai a minha franqueza mas prometi-vos, neste repassar de memórias, dizer a verdade.”

Vida ignorada de Leonor Teles (2009), de António Cândido Franco apresenta um novo perfil para Leonor Teles, configurando-a como delicada, sensível, de coração puro, tímida, amante do isolamento, e com um pendor místico que a faz em muito reclusa do convívio em sociedade. A narrativa reporta ao fato histórico do reinado de D. Fernando através de outra explicação para os acontecimentos desse período. Traz em Leonor uma protagonista como a imagem de *mulher-flor*, sendo assim, denominada de *flor de altura* e de todo apaixonada por D. Fernando, seu esposo. Dessa forma, está à diferença entre a personagem descrita pelas crônicas medievais que a colocam como mulher fria, calculista e movida por interesses de busca pelo poder, unindo-se ao infante por causa da riqueza e não pelo afeto que sentia por ele, considerada como a aleivosa.

A sensibilidade de Leonor, uma vida afastada dos ritos da corte e uma aura cândida que a eleva em altruísmo é o que apresenta António Cândido Franco, de modo a tentar deixar no leitor uma outra impressão. Como um dos elementos da narrativa que instaura esta aura

com pendor místico da personagem está o código de amor cavalheiresco, bem aos moldes do amor cortês vivido por Leonor e Fernando. Numa das falas do rei, isto se confirma:

Razão tinham os antigos, da corte de meu avô, quando garantiam que a beleza dos Castros aos Teles de Meneses se devia. Agora que te conheço, por nada deste mundo te perderei. Preciso de ti. Casaremos prestes. (FRANCO, 2009, p. 180).

Acreditamos que esta representação da protagonista em *Vida ignorada de Leonor Teles* faz parte do ciclo de romances históricos do autor que contempla as figuras de maior destaque da na História de Portugal. Cândido Franco já escreveu sobre Isabel de Aragão, Inês de Castro, Dom Sebastião e, neste romance, deu nova roupagem à imagem de Leonor. Com saudosismo e nacionalismo aos moldes da filosofia de Teixeira de Pascoaes, este romancista, poeta, dramaturgo e ensaísta vai tecendo, assim, um mosaico romanesco através das figuras mitos da nação portuguesa. E decerto que seu livro sobre a flor de altura dos Teles de Meneses demonstra que não se filiou ao perfil que traçou Fernão Lopes sobre ela na *Crónica de D. Fernando* e na *Crónica de D. João I*. Ao contrário:

[...] O que daí saiu foi um retrato inteiro em que sob a capa da discrição se escondia um corpo escultural e um ânimo elevado, que destilava um odor impenetrável de flor. Foi o momento em que os menestréis e trovadores da corte lhe chamaram pela primeira vez *flor de altura*. (FRANCO, 2009, p. 171).

Em muito diferente deste romance de Cândido Franco está o de José Manuel Saraiva, *Rosa Brava* (primeira edição em 2003). Este, tal como percebemos, filia-se em diversos aspectos à crônica lopina. Soma-se a isto o fato de ser típico de José Manuel Saraiva uma linguagem irreverente e de refinada ironia. Podemos considerar que os pontos chaves do romance: casamento de Leonor com João Lourenço Cunha, ida à Corte e encontro em que conhece D. Fernando, o casamento às escondidas em Leça do Balio, a revolta do povo contra ela já rainha, a recusa do meio-irmão do rei, D. Dinis Castro, em beijar-lhe a mão, bem como outros assuntos ligados à política seguem em aspectos gerais o que Fernão Lopes descreve na *Crónica de D. Fernando*. Ao longo da narrativa, atitudes do rei que elevam a condição de Leonor em detrimento do povo e das obrigações para com o reino são mostradas:

Sempre disposto a atender as vontades da mulher amada, D. Fernando acabaria por lavar – embora contra o seu íntimo desejo – uma trágica sentença, por via da qual mandou pôr no cepo a cabeça, os pés ou as mãos de uns tantos vilões, impôs a deportação de muitos outros, e, nalguns casos, determinou a confiscação dos bens àqueles que haviam fugido para o estrangeiro.

Tempos depois, cumprida a ordem e os castigos, Leonor Teles pode enfim sentar-se descansadamente no trono – vingada e firme. (SARAIVA, 2010, p. 259).

O excerto mostra a atitude de D. Fernando em castigar os que tramaram contra a rainha, sem levar em consideração um julgamento justo para os acusados. Fato que só aumentou a impopularidade do casal real.

Entretanto, este romance com uma vertente mais acentuada para o erótico traz dois momentos da vida íntima de Leonor que configuram-na uma mulher ardente, ciente da sua beleza e senhora de seus desejos. Um ainda em adolescência, quando teria vivido um caso incestuoso com um de seus irmãos, aquele a quem era mais chegada. O outro é quando casada com o morgado de Pombeiro, que acolhe em sua casa um Lente da Universidade de Coimbra. Leonor praticamente joga o Lente em seus lençóis:

Num impenitente estado de desassossego, despidos já da roupa, do medo e da vergonha, os dois amantes voltaram a beijar-se. E foi então no movimento ondular dos corpos e de muitos beijos que se cumpriram na urgência do milagre mais perfeito daquela noite de esplendor. Para ambos, talvez mais para Leonor Teles do que para o lente, consumara-se, enfim, no espaço destinado à ofensa e à perfídia, uma longa espera para uma oportunidade tão breve. (SARAIVA, 2010, p. 52).

Outra Leonor Teles é a protagonista de *Eu, Leonor Teles*, a dama maldita, da espanhola Pilar Queralt del Hierro. Um monólogo é o que nos traz esta narrativa. Uma mulher cheia de lembranças amargas a rememorar seu passado. O livro lembra em alguns aspectos o romance de Seomara da Veiga Ferreira, pois ambos fazem uso da rememoração e narrativa em primeira pessoa. Ou seja, neste, também é a voz da própria Leonor que ouvimos:

Horas e horas em solidão, ou ainda pior, recolhida entre memórias e na companhia dessas sombras bárbaras e sinistras que invariavelmente me assaltam desde o amanhecer. Silhuetas difusas que surgem da bruma do rio e tomam os corpos dos que acompanham os meus dias. Num cortejo macabro penetram nos meus aposentos e, uma vez na minha presença, acusam-me, entoando cânticos de reprovação ao som da trágica dança dos mortos.

Que quereis, sombras ingratas? Que vos diga que me arrependo? Que vos implore a vossa compaixão? Nunca o farei... fui traidora, menti, intriguei e até incentivei punhaladas alheias... é verdade. Mas tal é o negócio das cortes. Essa é a força que move uma coroa. A ti, meu rei e esposo, D. Fernando, faltava-te ambição e iniciativa, precisamente o que a ti, João Andeiro – meu amor e minha dor –, te sobrava. (HIERRO, 2006, p. 22)

Mais uma vez vemos o peso do discurso de Fernão Lopes traçado no destino desta protagonista. Entretanto, notamos também neste romance uma necessidade de preservar a memória. A autora, apesar de espanhola, dedica grande parte de seus romances a figuras da História de Portugal. E tem se voltado muito para as mulheres como personagens protagonistas em seus romances históricos. Ela mesma explica em uma entrevista o que vem a ser seu intento em relação a escrever novela histórica, visto os vários títulos publicados:

Estoy empeñada en hacer llegar la historia a un público amplio y hacerlo de la forma más sencilla posible para que resulte accesible a todos. Admiro a los

historiadores académicos que, por supuesto realizan una labor encomiable y muy interesante, pero creo que la historia debe salir de las aulas y “ocupar” la calle. (HIERRO, 2015, s/p).

Neste romance sobre Leonor, vemos também, semelhante ao que se passa no de Seomara da Veiga Ferreira (1999) uma narrativa em que o discurso de Leonor redime aquilo que ficou para a historiografia como seus grandes erros. Neste excerto vemos sua fala a se redimir em relação à morte de sua irmã Maria Teles. Para muitos, Leonor seria culpada de tramar a morte da irmã:

Apenas tu, Maria, minha doce irmã, provocas arrependimento na minha alma, mas há-de compreender-me... Nunca quis a tua morte, apenas pretendi afastar o teu marido da coroa, que por lei pertencia à minha filha... foi o destino [...] (HIERRO, 2006, p. 23).

Apesar desta mancha grave que paira sobre a história desta mulher, neste romance também encontramos os traços da sensibilidade da protagonista. Fato, aliás, que observamos nos quatro romances, em proporções diferentes, é verdade, mas de modo a percebermos que em cada um há um traço mais acentuado na subjetividade da personagem Leonor. Onde acreditarmos que isto é já o acréscimo a que se permite o ficcionista, pois nas crônicas pouco ou nada encontra, conforme mencionamos, em relação ao perfil de Leonor. Muito embora, é bom que se registre, a Crônica do rei D. João mostra Leonor como uma mulher de muita coragem, pelo modo como enfrenta a crise sucessória que leva à Batalha de Aljubarrota e à instauração da Dinastia de Avis.

Embora não sejam as crônicas nosso objeto de estudo, mas por serem o texto tomado como base pelos romancistas convém destacarmos que no aspecto coragem a figura de Leonor Teles parece-nos mais ressaltada que a figura de D. João I na crônica feita para a memória deste rei. Isto não implica dizer que o cronista acovardou a figura do Mestre de Avis para retratar Leonor com distinção pela sua bravura, mas apenas mostrou que se tratava de uma mulher que teve coragem ao enfrentar tamanha adversidade.

Considerações finais

Leonor foi, como no mais foram também muitas outras rainhas, apenas uma peça no tabuleiro do xadrez político e econômico da Europa medieval. Sua impopularidade, acreditamos, deve-se em muito também à impopularidade de D. Fernando. Ao subir ao trono pelo casamento, ela já herdava uma insatisfação que o povo atribuía ao monarca desde o início de seu reinado. No mais, veio por acréscimo o que era de se esperar da união de uma mulher ativa com um homem que parecia não governar nem a si mesmo, quanto menos ao seu reino.

Assim, o romance, ao retomar a História, permite-nos refletir sobre ela, por nos possibilitar enxergá-la por outros ângulos. Neste sentido, a retomada de figuras femininas, como neste caso dos romances aqui mencionados a rainha Leonor Teles, nos assegura que “ao romance histórico (ao tradicional, pelo menos) não interessa a repetição de grandes acontecimentos históricos, mas uma espécie de ressurreição poética dos seres humanos que deles fizeram parte” (MARINHO, 1999, p. 22). Desse modo, a História – antes tida como verdadeira, agora alvo de reflexões sobre a construção de um discurso oficial questionável –

apresenta-se como um campo em que se pode observar novos olhares, resultado de novas práticas e condutas dos historiadores e também, dos romancistas.

Referências

- BALEIRAS, Isabel de Pina. (2013). *Uma rainha inesperada: Leonor Teles*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates.
- FRANCO, António Candido. (2009). *Vida ignorada de Leonor Teles*. Lisboa: Ésquilo, 2009.
- FERREIRA, Seomara da Veiga. (1999). *Leonor Telles ou o canto da salamandra*. Lisboa: Editorial Presença.
- HIERRO, Maria Pilar Queralt del. (2006). *Eu, Leonor Teles: a dama maldita*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- _____. (2015). *Entrevista a Maria Pilar Queralt del Hierro*. <<http://jornadasdenovelahistorica engranada.blogspot.pt/2015/05/entrevista-maria-pilar-queralt-del.html>> 18 de maio de 2015. Acesso em junho de 2015.
- HUTCHEON, Linda. (1991). *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria e ficção*, Rio de Janeiro, Imago.
- LOPES, Fernão. (1975). *Crónica de D. Fernando*. (Ed. crítica Giuliano Macchi). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- _____. (1945). *Crônica de D. João I*. (Prefácio de Antônio Sérgio). Porto: Civilização. (Vol.1).
- MARINHO, Maria de Fátima. (1999). *O Romance Histórico em Portugal*. Porto: Campo das Letras.
- MARTINS, Armando Alberto. (2010) D. Fernando, o formoso. In: MENDONÇA, Manuela. (Coord.) *História dos reis de Portugal: da fundação à perda da independência*. Lisboa: Quidnovi/Academia Portuguesa de História. (vol. I).
- MATTOSO, José. (1993). Dois séculos de vicissitudes políticas. In: *História de Portugal*. (Dir. e Org. MATTOSO, José e SOUSA, Armindo). Porto: círculo de Leitores. (Vol. II). p. 23 a 161.
- MARQUES. A. H. de Oliveira. (1997). *História de Portugal: das origens ao Renascimento*. 13^a ed.. Lisboa: Editorial Presença. (vol. I)
- MESQUITA, Marcelino; FARIA, Jorge de.(1889). *Leonor Teles: drama histórico em 5 actos*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco.
- SARAIVA, José Manuel. (2010). *Rosa Brava*. Alfragide: Leya.
- VIEIRA, Cristina da Costa. (2008). *A construção da personagem romanesca*. Lisboa: Colibri.

RECEBIDO EM 02/07/2015
ACEITO EM